

A CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA NA CHARGE ESPORTIVA DE HENFIL¹

FLAVIO MOTA DE LACERDA PESSOA

Palavras-chave: Henfil, charge, futebol, ditadura militar, censura

Introdução

No decorrer dos tempos, quando firmado seu domínio de arma das mais poderosas da imprensa, pela universalidade do seu alcance, a caricatura não fez mais do que crescer sua alta significação, como arte autêntica, não só na análise de costumes políticos e sociais, como na fixação de elementos subsidiários da história e da sociologia. Herman Lima, (LIMA, 1963, p. 5)

O presente artigo propõe um mergulho em dois campos de estudo que enfrentam ainda algum preconceito quanto ao grau de seriedade como objeto de estudo da pesquisa histórica. Ainda que, recentemente, as pesquisas em torno do esporte e da charge tenham evoluído significativamente no meio acadêmico, permanecem distantes do reconhecimento à altura de sua importância. Não há mais como duvidar do poder de influência e propagação do esporte, como da charge, no mundo contemporâneo, onde um e outro amplificam em escalas imensuráveis, reivindicações sobre questões políticas, sociais, culturais e econômicas.

Elias Saliba argumenta que a historiografia costuma sentir necessidade de amparar-se em narrativas sólidas e contínuas para forjar suas representações de realidade, alertando que a linguagem ambivalente do humor, o eleva a uma forma privilegiada de representação histórica. (SALIBA, 2002, p.31). Marcos A. Silva, por sua vez, lembra que o uso da charge como fonte não se deve à carência de fontes, mas da preocupação em integrar a produção imagética do passado às discussões sobre o social, considerando

¹ UFRJ – Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ Mestrado 2011-1

estes objetos em sua dimensão de historicidade (SILVA,1992, P. 118). A charge, por sua vez, constrói um discurso alternativo, e por isso mesmo, através de novas narrativas, abre a possibilidade a novas leituras sobre as formas de pensar de uma época. A charge, bem como a tira de humor, como representação humorística, trabalha com estereótipos concisos, produzidos pela imaginação social. O desenho de humor apropria-se da linguagem e da expressão popular, inspira-se na sociedade e reflete sua mentalidade, seus valores, sua situação política, econômica e cultural. Transporta ao universo visual e humorístico, o debate, a polêmica, a discussão que perpassa e interessa ao clico social a que se destina. Maria da Conceição Francisca Pires compreende da mesma forma, o papel da charge dentro de um leque de manifestações que formam uma extensa e firme cultura de oposição à ditadura, avaliando o papel da resistência de Henfil, no bojo da imensa produção cultural de oposição à repressão militar durante os anos de chumbo na recente publicação *Cultura e Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas*. (PIRES, 2010).

Este artigo visa, portanto, reavaliar o papel da charge e do esporte de forma simultânea, tendo na charge e na tira² esportiva de Henrique de Sousa Filho, consagrado sob a alcunha de Henfil, um exemplo perfeito da enorme relevância do papel do desenho de humor, bem como do futebol, num dos períodos mais turbulentos da história do país. Denis de Moraes e Márcio Malta, que se debruçaram sobre a trajetória do cartunista, enfatizam como as questões sociais acompanharam a sua formação moral, influenciando sua notória postura militante que marcou sua obra (MORAES, 1996 e MALTA, 2008). Obra esta que constitui mais do que oportuno objeto de estudo, que nos permite investigar uma manifestação de resistência ao regime militar através de um veículo esportivo. Procuramos observar nesta pesquisa, o momento mais tenso do período ditatorial, quando a repressão começa a se intensificar, na perspectiva de um incansável opositor, que usava conscientemente o desenho como

² De acordo com definições de Luiz Guilherme Teixeira e demais cartunistas e ilustradores da Sociedade de Ilustradores do Brasil, da qual sou associado, a charge geralmente se encerra em uma única imagem, mas fundamentalmente lida com a notícia, o factual, e tem como personagens, pessoas públicas. A tira, por sua vez, narra seqüências de personagens fictícios, podendo ou não inspirar-se em fatos verídicos. Henfil, como veremos adiante, trabalhou com um e outro, durante os cinco anos que publicou seu trabalho no *Jornal dos Sports*.

arma política, endossando na prática, as palavras de Herman Lima, sobre o alcance e poder da charge no meio social.

1. A constante militância

No dia 14 de dezembro de 1968, dia seguinte ao decreto do Ato Institucional, nº 5, que abriria oficialmente o caminho para os anos mais negros do período ditatorial, o *Jornal do Brasil* publicava no alto da primeira página, espaço reservado à previsão meteorológica: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Max.: 38°, em Brasília. Mín.:5° em Laranjeiras”. É preciso esclarecer que esta máxima prevista de 38 refere-se ao artigo complementar de mesmo número, que fechara o congresso. Laranjeiras era o bairro onde se situava o Palácio, de mesmo nome, onde o Marechal Costa e Silva reuniu-se com o gabinete para anunciar o AI-5.

No mesmo dia o *Jornal dos Sports* publicava em sua primeira página uma charge de Henfil em que um torcedor brasileiro conclama: “Chega de intermediários. Delegado Padilha³ para a seleção.” Comparando as duas menções ao decreto da véspera, podemos perceber de imediato que nenhuma das duas pretende ser clara quanto ao decreto, não substituindo, portanto, a notícia em si. Por outro lado, complementam-na de uma forma que não seria possível no espaço onde se pressupõe um discurso comprometido com a seriedade, onde a vigilância dedica atenção especial.

Torna-se irresistível, então, a comparação com Foucault sobre a necessidade de exclusão do louco do meio social, a partir de meados do século XVII. Foucault acusara em sua *História da Loucura* que o louco passa a ser excluído da convivência social na mesma época em que a sociedade ocidental começa a ser conduzida pelo pressuposto da razão. A Não-Razão comprometia as fundamentais relações com a verdade. “O percurso da dúvida cartesiana parece testemunhar que no século XVI, esse perigo está conjurado e que a loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade.” (FOUCAULT, 1972, p.47) Combinando, então, as ponderações de Foucault sobre a loucura com os de Freud, quando analisa o prazer do chiste no que diz respeito à ausência de seriedade, encontraremos exemplo peculiar no humor de Henfil. O prazer

³ O jornalista Achilles Chirol, editor do *Jornal dos Sports* na época, em entrevista exclusiva para a esta pesquisa, em outubro de 2010, afirmara que o delegado Padilha era um nome conhecido do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

do chiste, para Freud, reside justamente no riso, como forma de descarga emocional. Mas é um riso provocado por identificar um sentido lógico no absurdo, na deturpação do sério, neste jogo ambíguo entre o sensato e o sem sentido (FREUD, 1977, p.178).

E é justamente a falta de sentido e a permissiva liberdade deste tipo de discurso que poderemos encontrar outras verdades escondidas no que não é dito de forma direta e explícita. Assim como um jogo de palavras que dribla a racionalidade da linguagem na qual se estrutura, a charge funciona da mesma forma, trapaceando com a razão, como afirma Teixeira: “a charge se designa, sobretudo, um discurso no campo da comunicação, articulado por imagens, cujo sentido está além dos limites da razão.” (TEIXEIRA, 2005, p. 73). A linguagem da charge se articula, portanto, dentro de um sentido próprio, que se apropriando da ironia, lhe é permitido burlar a razão, bem como a racionalidade, produzindo discursos tão ou mais verdadeiros do que os reconhecidamente sérios. Ainda que a previsão meteorológica não se encaixe na classificação charge, é completamente absurda numa leitura literal, só encontrando sentido na interpretação de seus códigos, ao perceber que a sua função costumeira não é exercida naquele momento. É na deturpação da seriedade, portanto, que se permite ou se possibilita a crítica mais contundente, a linguagem irônica, o deboche escancarado.

Ao comparar a crítica disfarçada, no primeiro caso, e a sarcástica no segundo, encontramos a hipótese principal desta pesquisa, no intuito de investigar se a charge de Henfil realmente gozava de mais liberdade para “cutucar” o regime, onde a maioria esmagadora da imprensa não poderia ousar, se não de forma disfarçada, em linguagem subliminar, mesmo assim correndo riscos incalculáveis. Uma empresa do porte de um *Jornal do Brasil*, um dos maiores jornais do país, cuja tradição de 1891 o confirmava entre os mais longevos do país em atividade, mereceria obviamente a atenção minuciosa da censura. Já na redação do *Jornal dos Sports*, de acordo com o editor da época, o jornalista Achilles Chirol, em momento algum havia pisado um censor durante os anos de chumbo⁴. Não se encontrou até o momento, nenhum indício de que o regime em tenha procurado coibir ou controlar o discurso deste periódico esportivo. O cartunista mineiro, recém chegado no Rio de Janeiro, percebendo a oportunidade que lhe sorria, iria consagrar o seu humor no diário esportivo, mostrando desde cedo a que veio. Um humor constantemente militante, em seu inconfundível estilo mordaz, muitas vezes

⁴ Achilles Chirol, na mesma entrevista, em outubro de 2010.

irônico, em outras tantas, escancaradamente debochado. Seu traço ágil e expressivo é carregado de gestos, gírias, hábitos e costumes da população. Seu trabalho torna-se fonte valiosa que evidencia o papel militante de extrema relevância da charge como efeitos da resistência à ditadura militar também no meio esportivo.

2. A pátria de chuteiras ou coturno.

A charge de Henfil sobre o AI-5 não apenas alude ao decreto mais abusivo da ditadura, como também se refere à interferência do governo em questões que não eram de sua competência, bem como explana o interesse dos militares pelo futebol como ferramenta estratégica primordial em suas conquistas políticas. O chiste de Henfil sobre o delegado Padilha, reflete tanto o passado quanto o futuro do fatídico decreto. De acordo com Hilário Franco Júnior, na disputa pelo tri, na Copa do Mundo de 1966, era notório que o técnico Vicente Feola fora pressionado por clubes e federações a convocar diversos jogadores no período de preparação, tendo vestido a camisa da seleção nada menos que 47 atletas, para ao final levar apenas 22 à Inglaterra (FRANCO JR, p. 139). Mas, seria a partir daquele momento, no período caracterizado como o de maior repressão, é que o futebol se tornaria instrumento da ditadura, de forma planejada (FRANCO JR, 2007, p141). Marcos Aurélio de Oliveira, em artigo que reflete sobre o esporte brasileiro como parte de um planejado programa de metas durante a ditadura militar, demonstra que o entusiasmo do governo no incentivo ao esporte não se restringia à propagação da prática, buscando com mais empenho atrair o público para o esporte, enquanto evento de massas (OLIVEIRA in: ANDRADE e DEL PIORE (org), 2010, p.415) Atuavam de forma maciça, em todas as frentes, através de leis, decretos, da criação da Loteria Esportiva, da construção de estádios, de interferências nas federações, na CBD ou na organização oficial do campeonato brasileiro. A campanha militar certamente visava aumentar o envolvimento da população com o futebol, de modo a persuadi-lo de que as conquistas do selecionado, eram conquistas do país, por eles representado. A idéia de que opor-se ao governo era opor-se ao país, era então estendida ao futebol. “Noventa milhões em ação” significava considerar que toda a população estava com a seleção e, estar com a seleção seria estar com o governo. Marco Aurélio Oliveira vai ainda mais fundo na questão do propósito do governo em promover o esporte mais popular do país, ressaltando a consciência entre os governantes de que

uma conquista como a Copa do Mundo significava no plano internacional (OLIVEIRA in: ANDRADE e DEL PIORE (org), 2010, p.409). Segundo Franco Júnior, na Copa de 1974, com exceção de Zagalo e Parreira, a CBD era um festival de patentes militares em cargos de alta responsabilidade, do presidente Almirante Heleno Nunes, a demais integrantes da equipe técnica. Era intenção do governo cultivar e estreitar a associação entre a seleção e o Estado (FRANCO JR, 2007, pág.143-4). E se o futebol fora usado como arma em prol da campanha publicitária do regime, pode-se dizer que ao menos um cartunista mineiro soube usar da mesma arma pra revidar, propagando a um público numeroso⁵, as arbitrariedades e atrocidades cometidas pelo regime de força, bem como mantinha viva a noção do estado de pânico e insatisfação que dominara o país.

3. Conjuntura política do golpe de 64 ao início processo de abertura. (1964-1974)

Em artigo de Eulália Lahmeyer Lobo, Fátima Lisboa e Mariza Simões, sobre a reorganização sindical no período correspondente aos primeiros seis anos de ditadura militar, as autoras esboçam o planejamento político e econômico impetrado pelo governo militar na consolidação do novo regime (LOBO, LISBOA E SIMÕES, In: LOBO (org), 1992, p.394 e 396). O golpe que derrubava João Goulart a pretexto de deter a inflação e impedir a implantação de um governo de base sindical, frustrava não apenas o processo de democratização política do país, como também o de democratização social. Segundo as autoras, o movimento que culminaria no golpe de 64 teria representado a falência do modelo populista, tido como uma ameaça aos privilégios da elite do país.

O quadro que se esboçava durante o ano de 1968 era de um descontentamento crescente e contínuo de parte cada vez maior da população, explícita em atos de protesto diversos, entre greves operárias no interior de Minas Gerais e São Paulo, passeatas, manifestações artísticas e atuação da imprensa. Em fins de março, um protesto estudantil⁶ culminaria no assassinato do estudante Edson Luiz no restaurante popular

⁵ Achiles Chirol afirmara que o *Jornal dos Sports* publicava edição especial de 4 páginas logo após as partidas e que as edições, com tiragem que atingiam 100 mil exemplares, geralmente se esgotavam.

⁶ O protesto, segundo o artigo de Lobo, Lisboa e Simões, reivindicava ainda benefícios na esfera estudantil, mais do que na política. Após a morte de Edson Luiz, os movimentos estudantis seriam cada vez mais politizados.

Calabouço, que mobilizara a nação e chamava atenção para os atos de repressão do governo⁷. Nos dias subseqüentes ao incidente, a bola continuava a rolar no campeonato carioca e Henfil tinha a missão de ironizar de alguma forma, o tropeço do Fluminense diante do Madureira. O empate entre os tricolores da Zona Sul e do subúrbio inspirou Henfil a fazer a sua menção ao crime. O dirigente tricolor Dílson Guedes fugia em desespero de tiros em sua direção, enquanto duas pessoas⁸ conversam: _“Estudante?” _“Não, é o Dílson Guedes.”

Henfil sugere de forma sarcástica que a matança de estudantes no Brasil seria corriqueira e banal. Passados alguns dias, o próprio dirigente, que teria sido realmente hostilizado (com vaias, não com tiros), prometia duas “contratações bombas”, para acalmar a fúria da torcida. A charge referente à promessa do dirigente volta a virar pretexto para refletir e lembrar, de alguma forma, aquela tensão constante do ambiente político no país. No alto da charge, ele simplifica a notícia: “Dílson promete duas bombas para o Fluminense.” Na imagem, uma manifestação, repleta de cartazes com os dizeres habituais de ‘abaixo a ditadura’ ou ‘Luto é luta!’ (referente ao luto pelo estudante morto) se concentra no Fluminense para pedir ao dirigente que lhes empreste uma das bombas anunciadas. Coincidência ou não, é fato que as metáforas utilizadas pelos homens do futebol, “guerrilheiro”, “bombas” era o pretexto que pedia o cartunista para desancar as arbitrariedades do governo.

A partir daquele decreto começaria o período mais sangrento dos vinte anos da ditadura militar. Meses antes do AI-5, entretanto, Henfil já denunciava os interrogatórios através da charge do dia 15 de março de 1968. Quando o técnico Aimoré, que deixava o Flamengo para comandar a seleção, teria declarado em tom elogioso, na ocasião, em entrevista exclusiva para o *Jornal dos Sports*, que o atacante Luis Carlos seria um “guerrilheiro” dentro de campo, referindo-se provavelmente a seu espírito de luta. Henfil desenhara Luis Carlos sendo interrogado, suando desesperado, amarrado numa cadeira, com uma luz apontada para o rosto e rodeado de policiais de capacete com inscrição do DOPS⁹. Em meio a seu desespero, declara:

⁷ A tragédia teve ampla cobertura do *Jornal dos Sports*, do dia seguinte aos dias subseqüentes, até a missa de sétimo dia, que terminou com repressão policial.

⁸ Henfil só criaria os personagens referentes aos times a partir de fins de 1969.

⁹ Figura 01. Henfil não se preocupava muito com a fidelidade à representação verídica de certos personagens. Suas escolhas eram estritamente simbólicas. Dirigentes, por exemplo, eram sempre

_“Mao-Tsé-Tung, não! Meu técnico é o Miraglia¹⁰, juro.”

Ainda que a cena não demonstre claramente a tortura, faz menção à sensação de insegurança generalizada diante de um estado de força. De quebra, Henfil ainda aproveita pra ridicularizar a falta de bom senso e a perspicácia dominante entre os órgãos da repressão.



A declaração de Aimoré rendeu novas charges nos dias posteriores. Na do dia 16 de março, quando o Flamengo estava prestes a enfrentar o Bangu, a charge de Henfil era ambientada em uma base americana, onde um oficial recebe uma mensagem e fala ao general do exército americano W. Westmoreland¹¹:

_ Westmoreland! É do Bangu pedindo aviões B-52 para reforçar sua defesa no domingo. Denunciava desta vez, o intervencionismo americano, que fornecia apoio político, logístico e financeiro aos regimes militares no cone sul, como forma de garantir seus interesses tanto políticos quanto econômicos nestes países, bem como o estabelecimento do sistema capitalista. Mantendo o capitalismo nesses países através da força, coíbiam ou dificultavam a infiltração comunista nas Américas. Lembrar do general que comandava as tropas americanas no Vietnã era reforçar a crítica à política intervencionista americana, repudiada pela ala oposicionista do país.

representados com cartola.

¹⁰ Figura 02. O preparador técnico Válder Miragila substituíra Aimoré no comando do Flamengo.

¹¹ O general William Westmoreland comandara as tropas americanas no Vietnã entre 1964 e 1968.

4. Conjuntura econômica.

Escolhidos entre nomes que estariam mais ligados ao capital estrangeiro, de acordo com o artigo de Lahmeyer, Lisboa e Simões, Roberto Campos assumia o ministério do Planejamento e Otávio Gouveia de Bulhões, o da Fazenda, apresentando rapidamente o Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), onde propunham soluções para conter a inflação que chegara a 91,64% no final do regime deposto. Entre 62 e 63, há um aumento de salários médios em termos reais, em decorrência da maior militância dos sindicatos e do apoio do governo. O crescimento da militância sindical teria sido tão considerável que a alta patente militar passara a temer uma maior participação nos sindicatos das decisões do governo. Com isso, a política econômica de campos e Bulhões promoveu grande acumulação de capital por parte das grandes empresas, “às custas do empobrecimento da classe trabalhadora.” O PAEG propunha instrumentos clássicos, ainda de acordo com as autoras, em medidas que visam superar crises econômicas: aumento de impostos, cortes nos gastos públicos, contração de crédito e controle salarial (LOBO, LISBOA e SIMÕES in: LOBO (org) , 1992, P. 400-402). Entre 1964 e 1967, quando a classe operária não apenas perdera o apoio do governo, como passaria a ser sufocado por ele, sofreria uma queda no nível de vida, quando seu principal instrumento de luta era bloqueado com a ilegalidade das greves. O salário médio real caíra de Ncr\$ 9, 61 para Ncr\$ 6, 49. As autoras ressaltam ainda que, com o aumento do custo de vida entre 1965 e 1967, o salário teria perdido 25% de seu poder aquisitivo. (LOBO, LISBOA e SIMÕES in: LOBO (org), 1992, P. 402)

Em março de 68 Henfil ironiza a crise, aproveitando-se de um protesto de tricolores contra a direção do Fluminense. Na charge vemos um torcedor segurando um cartaz com os dizeres: “abaixo o arrocho!”, enquanto explica a um policial desconfiado: “Subversivo o que? É contra o arrocho no Flu”. A charge nos deixa uma dupla impressão de que a onda de protestos que varria o país contagiava o mundo do futebol e de que o cartunista militante não perdia a oportunidade de alfinetar a ditadura, de deixar transparecer a sensação de “insegurança” nacional, mantendo sempre viva na memória do leitor a situação ditatorial em que o país se encontrava.

E nas vésperas do jogo entre Flamengo e Cruzeiro, pela disputa da Taça Roberto Gomes Pedrosa de 68, Henfil mostra um jogador rubro-negro lendo um livro de Roberto Campos e se explicando com o técnico:

_ “O senhor não pediu pra estudar uma tática para acabar com o Cruzeiro?”. O duplo sentido da palavra “cruzeiro” se torna apenas um pretexto para transmitir a mensagem principal: o famigerado Plano de Ação Econômica do Governo reduzira o poder aquisitivo do brasileiro e abria portas para o capital estrangeiro, facilitando a entrada de multinacionais no país.

5. Conjuntura social

Sua crítica não se atém à esfera política. Ele transporta com facilidade o universo futebolístico para o social. E se o faz com tanta naturalidade é porque enxerga essa realidade já no futebol. De fato, Hilário Franco Júnior já chama atenção para o espírito “clânico” do futebol (FRANCO JR, 2007, p. 213-223), onde os torcedores se unem como um clã em torno de uma bandeira, de um escudo, de um uniforme. Cultivam uma série de rituais, códigos verbais e cânticos de “guerra”, estabelecendo uma identidade cultural de forte expressividade a partir do desenvolvimento da cidade moderna e do crescimento das grandes metrópoles. Surge o sujeito pós-moderno e o fenômeno da política de identidades, analisado mais profundamente por Stuart Hall, (Hall, 2006, p.23-47). Richard Giulianotti afirma que muitos clubes de futebol estão associados a valores culturais de esferas variadas, religião, política, ou simplesmente classe social (GIULIANOTTI, 1999, p.53-56).

Henfil, mais atento às questões sociais, nas quais os times do Rio apresentam relação mais estreita, desenvolveu a partir de 1969, a Tira do Urubu, onde retratava os torcedores dos times do Rio¹², através de mascotes inspirados não apenas na tradição histórica de cada clube, como na representação de sua torcida. Desta forma, mesmo um clube de origem fidalga que, ao longo de sua história, ganharia mais adeptos entre as classes populares, como o Flamengo, formaria junto com o Vasco da Gama e o América, sempre populares, uma frente que o cartunista batizaria de *República Popular de Ramos*. Fluminense e Botafogo, por sua vez, que sempre mantiveram perfil, tradição

¹² Seu biógrafo Denis de Moraes, nos relata curioso episódio que, embora a falta de rigor acadêmico da publicação nos faça encará-lo como anedótico, faz-se digno de nota. No início da popularidade da tira, em um dia de Fla-Flu decisivo, o Presidente Médici declarava à imprensa que teria ido ao Maracanã torcer pelo Flamengo: “Sou urubu!”. No entanto, não achamos a declaração na única matéria do JS, que mencionava a presença do Marechal no Estádio, neste período. Ainda de acordo com seu biógrafo, Henfil teria confessado a colegas da redação que iria impedir o urubu de dourar a pílula dos militares. Passaria, então, a adicionar à disputa entre torcidas o componente social tornando explícitas as estratificações sociais entre eles (Moraes, 1996, p.97)

e torcida predominantemente entre as classes mais altas da sociedade carioca, formariam a *República de Ipanema Beach*.



Os personagens em conjunto, inspirados nos seus respectivos torcedores refletem, então, identidades culturais que abraçam setores diversificados da sociedade carioca, de forma que Henfil transporta, de forma concreta e visual, a cotidiana luta de classes para o universo futebolístico. Neste processo faz-se pertinente ressaltar a coerência ideológica do chargista. É totalmente compreensível que um homem cuja moral despreza de antemão o luxo supérfluo da burguesia bem nascida, deboche do modo de vida das classes privilegiadas, onde as etiquetas e o linguajar costumam sugerir pretensão de superioridade e esnobismo¹³. Não espanta, então, que a dupla de clubes associada à elite carioca, Fluminense e Botafogo, seja retratada depreciativamente. Da idéia à prancheta, o Fluminense passa a ser representado pelo mascote *Pó-de-arroz*, um janota de cabelo partido ao meio e bigode aparado à francesa, com linguajar trejeitos ligeiramente afetados. Evidente que este tipo de característica é tido como fraqueza, onde o ambiente é predominantemente masculino, de disputa e

¹³ Em entrevista concedida ao semanário Pasquim, e publicada no livro *Diário de um Cucaracha* (HENFIL, 1983, p. 43-79) quando estava de partida para tratamento da hemofilia nos Estados Unidos, revela-se que Henfil nunca quis dispor dos serviços de uma empregada doméstica. Na biografia do cartunista, Denis de Moraes esclarece que a opção era em razão do cartunista considerar indigno aceitar o privilégio de pagar para alguém para fazer o que todo mundo teria o dever de cuidar de si, bem como do próprio lar, ainda que tenha condições para o conforto. (MORAES,

rivalidades exacerbadas, numa época que cultivava valores morais bem mais conservadores que os atuais.

Este tipo de alfinetada parece-me *a priori* perfeitamente coerente com a postura política militante de Henfil, uma vez que sua convicção esquerdista e democrata provavelmente desprezava atitudes associados à noção de “frescura”. A própria idéia de trabalhar questões ligadas à classe no meio do futebol demonstra muito da personalidade inquietante e crítica do cartunista mineiro. O humor de Henfil reforçará constantemente as diferenças sociais explícitas na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, o mascote do Flamengo, para o qual o autor não escondia sua predileção, apesar de ser chamado de *Urubu*, era representado na verdade, por um torcedor negro, espírito de malandro, irreverente e debochado. Não é dito, mas sugere o personagem tipicamente carioca, o malandro do morro. Reforçava o apelido com o desenho de um urubu sempre sentado em cima do logotipo. No mesmo ano, torcedores rubro-negros soltavam um urubu no gramado do Maracanã, contagiando a torcida e consagrando o urubu como mascote do Flamengo. Defendendo o C. R. Vasco da Gama, o *Bacalhau* era representado por um Português barrigudo, de fartos bigodes e tamancos, reforçando as raízes lusitanas do clube e de parte considerável da torcida. O alvi-negro, Cri-Cri, era representado por um torcedor descabelado, geralmente mau-humorado, irrequieto. Nesta representação, ele repete um pouco a idéia que o cartunista argentino Lorenzo Molas fizera da torcida vinte anos antes, escolhendo o Pato Donald para representá-la. Acredito que a intenção de Henfil na representação visual do personagem, meio desleixado, neste caso, era aludir à classe média intelectualizada que caracterizava parte considerável da torcida.

Podemos verificar no conjunto de mascotes dos quatro maiores clubes do Rio, personagens comuns do cotidiano carioca disputando nas charges, a superioridade dos gramados.

Ponderações finais

Nota-se, portanto, que a obra de Henfil para o *Jornal dos Sports* constitui matéria de grande relevância a contribuir com os estudos sobre a resistência à ditadura militar. Cabe então, refletir sobre o impacto que esta obra pode ter exercido de alguma forma sobre a população e, no caso, faz-se pertinente situar o periódico no período selecionado, ressaltando, então, sua trajetória quase sempre pioneira no que se refere a

inovações editoriais¹⁴, desde que ainda na década de 1930, passou às mãos do consagrado jornalista Mário Filho.

O Jornal dos Sports em 1944 tomava uma iniciativa pioneira, ao começar a publicar charges diárias, do argentino Lorenzo Molas, que abordassem os acontecimentos do futebol, criando um produto que marcaria profundamente a memória afetiva do torcedor carioca, ao refletir sobre as representações e identidades clubísticas e criar os primeiros mascotes dos times de futebol da cidade. Mário Filho ainda envolveu-se na campanha pela construção do então Estádio Municipal na região do Maracanã e promoveu diversos torneios esportivos, além de duas edições do mundialito de clubes, a Copa Rio, em 1951 e 52, no intuito de resgatar o orgulho nacional em relação ao futebol ferido com a perda da Copa de 50.

Com a morte de Mário Filho em 1966, a direção do jornal acabaria nas mãos de seu filho, que também faria a sua parte para promover o jornal, contratando nomes de peso como Zuenir Ventura, Reinaldo Jardim e os cartunistas Ziraldo, Jaguar, Fortuna, o que sugere que o jornal já dava indícios de que procurava oferecer mais do que informações esportivas, atentas a um público mais politizado, antenado com questões de ordem cultural, social e política. Neste quesito, reforçam esta impressão a cobertura sobre o incidente na passeata estudantil que culminara na morte do estudante Edson Luiz, e uma sessão fixa do jornal a respeito de vestibular. Neste rumo, o trabalho realizado por Henfil parece encaixar-se perfeitamente no projeto do jornal em ampliar o bojo das discussões abordadas no jornal, mas dessa forma, de maneira que parece inédita na imprensa, misturando questões políticas às esportivas, de uma forma que, até aqui, não foi encontrado em qualquer outro periódico brasileiro, em períodos ditatoriais ou democráticos. Voltando às ponderações de Marcos Silva, procuramos aqui, abordar a charge não de forma meramente ilustrativa no contexto histórico, mas como peça atuante, formadora de opinião, ferramenta de reflexão e evidência de resistência à famigerada ditadura militar no período de mais intensa repressão e arbitrariedades.

¹⁴ Não foi possível ainda encontrar informações precisas sobre a tiragem do jornal durante sua trajetória, apenas indícios que carecem de precisão histórica, por fontes que devem ser problematizadas. Na época das primeiras charges de Molas, o periódico defendia logo abaixo do logotipo, na primeira página, ser o matutino esportivo de maior circulação da América do Sul, o que ainda não podemos comprovar. Na época de Henfil, o jornalista Achilles Chirol, editor do jornal na época, afirmara em entrevista exclusiva para esta pesquisa que edições extraordinárias vendidas ao fim das partidas nos arredores do Maracanã, podiam chegar a 100 mil exemplares.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de, e WEIS, Luiz. *Carro Zero e Pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCZ, Lilian Moriz. *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea, vol.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A história da Loucura*.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. *A futura paixão nacional: chega o futebol*. In: MELO, Victor e DEL PRIORE, Mary (org.) *História do esporte no Brasil*. São Paulo : UNESP, 2009.
- FREUD, Sigmund. *O Chiste e suas relações com o inconsciente*. São Paulo: Imago, 1977.
- GIULLIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2006.
- HOLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- LOBO, Eulália M. Lahmeyer, LISBOA, Fátima S. Gomes e SIMÕES, Mariza. *O Regime Militar e a reorganização sindical período de 1965-1970*. In: LOBO, Eulália M. Lahmeyer (org). Rio de Janeiro: Access Editora, 1992.
- MALTA, Márcio. *Henfil: o humor subversivo*. São Paulo: Expressão popular, 2008.
- MORAES, Denis de. *O rebelde do traço. A vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *O esporte brasileiro em tempos de execução: sob a égide da Ditadura (1964-1985)*. In: MELO, Victor Andrade de, e D Piore (org.) *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo, 2009.
- PIRES, Maria da Conceição Francisca. *Cultura e Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas*. São Paulo, Annablume, 2010.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primórdios dos tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.